

Relatos de experiência das ações de Extensão desenvolvidas nos projetos vinculados aos Comitês de Pesquisa e Extensão (Cope) do IFPR

# Tradução das obras de Enrique Dussel: um relato de experiência

**Palavras-chave:** Enrique Dussel; História da Filosofia Latino-Americana; Tradução.

**Breno Augusto da Costa**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná - *Campus Jacarezinho*  
ORCID ID [0000-0002-9251-9533](https://orcid.org/0000-0002-9251-9533)

**Adriano Eurípedes Medeiros Martins**

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - *Campus Uberaba*

**Hugo Allan Matos**

Universidade Federal do ABC - *Campus São Bernardo do Campo*

**Dani Leobardo Velásquez Romero (UFBA/ Campus Ondina)**

Universidade Federal da Bahia - *Campus Ondina*



Coleção de algumas das obras de Enrique Dussel traduzidas ao português e publicadas por diversas editoras. Créditos: Breno Augusto da Costa.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste relato de experiências é discutir alguns desafios e apresentar reflexões relacionados a um projeto de tradução da obra de Enrique Dussel, filósofo latino-americano. Nascido na Argentina em 24 de

dezembro de 1934, Dussel tem uma produção calcada disciplinarmente em três áreas principais: filosofia, história e teologia. O autor fez parte, no decorrer do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, da criação da filosofia da libertação, movimento filosófico que tem como caracteres

essenciais a crítica a todas as formas de dominação e opressão concomitante à reflexão sobre os movimentos de libertação; e o filosofar produzido a partir da categoria de exterioridade.

Segundo Enrique Dussel (2017), a filosofia da libertação atua interpelando em torno de cinco temas principais: contra o machismo; contra o racismo; contra a exploração do trabalhador e da trabalhadora; contra o imperialismo que impõe uma crescente desigualdade entre Norte e Sul Global; e contra o eurocentrismo e seu sucedâneo estadunidense. Além disso, vale ressaltar também um inventário mais amplo feito por Euclides Mance (2022), que indica outras frentes de luta e de reflexão abarcadas por essa corrente filosófica.

Enrique Dussel (2011) explica que a exterioridade, longe de referir-se a algo que está “fora”, no exterior de determinado sistema, se refere à transcendentalidade interior que existe nele. Ela se aplica categoricamente, portanto, àquilo que é outro no âmbito de determinado sistema em exame. O autor entende que é a partir dela que se inicia efetivamente o discurso da libertação, considerando essa alteridade em diferentes contextos e relações: o estudante compõe a exterioridade no âmbito pedagógico dominador; a mulher corresponde à exterioridade ante à cultura machista; os países subdesenvolvidos constituem a exterioridade ante aos centros imperialistas hegemônicos, e assim sucessivamente.

Neste texto apresentaremos, inicialmente, reflexões ético-epistemológicas a respeito do processo de tradução da obra dusseliana; a seguir, introduziremos alguns aspectos e desafios práticos relacionados ao acesso à tradução da obra de Dussel, justificando algumas opções tomadas até aqui; e relataremos o processo de tradução da última obra de estética de Dussel.

## **SOBRE A NECESSÁRIA TRAIÇÃO DOS TEXTOS EM OUTROS IDIOMAS**

“Toda boa tradução é uma traição”. Esta frase atribuída geralmente a Carlo Gadda, traz consigo uma concepção epistemológica importante a se refletir e que retrata nossa prática como tradutores. Um dos principais problemas de toda tradução pode ser expresso da seguinte forma: como transpassar um texto de determinada cultura para a cultura a qual queremos traduzir? Trata-se de uma questão milenar na história do conhecimento. E as respostas mais atuais e mais efetivas como as de Paul Ricoeur, Enrique Dussel, dentre outras pensadoras e pensadores, é que não é possível traduzir elementos de uma cultura a outra a não ser por analogia. Ou seja, só podemos traduzir textos de forma que faça sentido para quem os lê se adicionarmos elementos culturais semelhantes aos que esta cultura conhece e que, de alguma forma, mantém o sentido do texto original.

A título de exemplo, por que traduzir textos introdutórios é importante? Tomemos em consideração a própria filosofia de Enrique Dussel, a qual foi objeto de

tradução por parte de um dos autores em seu Trabalho de Conclusão de Curso de graduação (MATOS, 2008). Foi elaborada uma introdução de cerca de 40 páginas que cumpriria os requisitos avaliativos, contudo, além dessa introdução, foi feita a tradução do livro introdutório de Dussel intitulado “Introducción a una filosofía de la Liberación latino-americana” (1977). Depois de defendido perante a banca, o trabalho completo foi disponibilizado na internet por seu autor. É surpreendente como até hoje, 15 anos depois, diversos leitores recorrem ao material. Apesar de existirem diversas traduções de Dussel em língua portuguesa, ainda faltam materiais introdutórios.

E é assim com diversos autores e autoras que, mesmo que escrevam em espanhol, uma língua próxima à nossa e nossa segunda língua oficial, sofrem com dificuldades de acesso por parte da maioria dos estudantes de graduação de nosso país, especialmente advindos das classes trabalhadoras e da educação pública. Sua realidade, cabe salientar, é a de pessoas que trabalham desde cedo para colaborar com o manutenção da casa e da família, não tendo acesso, geralmente, a outros idiomas.

O acesso, portanto, a esses conhecimentos significativos para as lutas de libertação em diversas frentes, tal como indicado acima, é um grande incentivo para a teimosia de traduzir textos, mesmo que do espanhol. Teimosia porque as editoras não costumam ter interesse para além de seus restritos nichos, então, o financiamento das traduções é bastante restrito, o que nos leva geralmente a tradução ativista, voluntária. Entretanto, tal teimosia é recompensada quando a relevância da obra é confirmada no interesse das pessoas em geral, seja dentro da universidade ou fora dela.

Considerando o exposto, a escolha dos textos a serem traduzidos tem sido de especial relevância, já que a realidade nacional exige uma alteração na forma de produção de conhecimento. Ela deve ser mais próxima e buscar responder e dialogar com os problemas imediatos, que incluem novos riscos de totalitarismos, por exemplo.

Portanto, a opção ético-política não se separa e não pode alienar-se das opções epistemológicas, ou seja, da construção e difusão de conhecimento que realizamos. E durante décadas em nosso país isso foi desconsiderado: é por este motivo que um grande volume de traduções é de livros eurocêntricos, que pouco ou nada dialogam com nossa realidade. Seja por agirem alienadamente ou por opção ético-política, nossa cultura em geral e o conhecimento universitário em particular fizeram-se eurocêntricos. Importante lembrarmos que até o início da primeira década de 2000, a universidade, o Ensino Superior, em geral, era restrito às classes médias privilegiadas.

E apesar de desde então ter havido maior acesso ao Ensino Superior por parte das classes trabalhadoras, esse não foi acompanhado de alterações reais na qualidade da Educação Básica, mas ao contrário: assistimos sistematicamente um processo de

sucateamento da educação brasileira em geral, desde a Educação Infantil até a pós-graduação. E agora, no início da segunda década deste século, amargamos as cruéis consequências sociais disso. Este projeto de sociedade neoliberal nos impôs a condição de subnação que deve contentar-se com subempregos, subeducação etc.

Nada obstante, desconhecem-nos enquanto povo brasileiro e latino-americano aqueles que acreditam que nos submetemos. Desconhecem nossas lutas populares, nossas resistências históricas, a grandeza de nossos povos e nações que, mesmo dizimados, nunca se colocaram de joelhos às opressões e aos opressores.

Estamos em um tempo de grandes mudanças na humanidade. Aquilo que alguns autores denominam “Quarta Revolução Industrial” está ressignificando o trabalho e, portanto, nossa forma de ser no mundo. Com o aumento de acesso às tecnologias, vislumbramos a possibilidade de novas oportunidades de diálogo com as diversas culturas globais e, por conseguinte, novas ferramentas para efetivar o diálogo mundial entre os povos e culturas oprimidos do mundo. Tudo isso impacta, ou deveria impactar, as opções ético-políticas de alguém que traduz textos. Desde a escolha de quais textos traduzir e as formas de difusão, até as opções por terminologias, conceitos análogos dentro das próprias traduções, sem perder, naturalmente, o sentido original que o texto quer nos transmitir.

Traduzir um texto é atualizá-lo, expandi-lo, possibilitar que ele dialogue com mais pessoas. Pois se há 8 bilhões de pessoas no mundo, não é justo que um texto chegue a ter o mais próximo disso de interpretações? Quando o texto nos acessa, respondemos a ele com nosso afeto, nossa razão afetada nos ressignifica diante dele e o processo de tradução passa a ser anúncio do que ele fez em nós e pode fazer nos outros. Seu conteúdo importa. Mas importa mais quando puder acessar a mais pessoas que a partir dele poderão ser transformadas. Eis a necessária traição.

### NOTAS SOBRE A TRADUÇÃO DE DUSSEL

Nesta seção do texto introduziremos alguns aspectos e desafios práticos relacionados ao acesso e à tradução da obra de Dussel. Tal como assinalado anteriormente, existem diversas traduções de Dussel disponíveis em língua portuguesa, ainda que a maioria dos volumes esteja esgotada nas livrarias e em alguns casos poucos exemplares sejam encontrados em sebos e com preço exorbitante. Por outro lado, em seu sítio eletrônico (<https://enriquedussel.com/>) o autor disponibiliza gratuitamente boa parte desses materiais, o que facilitaria o acesso para aqueles que dominam a língua do autor.

Para ilustrar alguns dos desafios relacionados ao acesso à obra dusseliana, partiremos daquela que pode ser considerada uma das principais obras da filosofia latino-americana: “Filosofía de la liberación” (2011), publicada originalmente no México em 1977. O livro foi traduzido ao português em 1982 por Luiz João Gaio e publicado pela

Edições Loyola. Nada obstante, apesar da centralidade da obra para a filosofia da libertação em geral e para o pensamento dusseliano em particular, ela não possui reedições recentes, contemplando os acréscimos e revisões que o próprio autor fez.

O livro em apreço, vale ressaltar, não deve ser confundido com aquele que foi traduzido ao português com título homônimo, embora com subtítulo diferente: “Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão” (2017). Esta obra, traduzida por Georges Maissiat e publicada pela editora Paulus inicialmente em 1995, mas com reimpressão em 2017, apresenta textos em que Dussel debate com expoentes da filosofia europeia e estadunidense: Paul Ricoeur, Karl-Otto Apel, Charles Taylor e Richard Rorty.

Salientemos aqui um problema eliciado pelo eurocentrismo e pela alienação que aludimos acima: esses interlocutores de Dussel que citamos, bem como outros, como Jürgen Habermas e os expoentes da primeira geração da chamada Escola de Frankfurt, são conhecidos e reconhecidos pela comunidade filosófica brasileira, ao passo em que a obra dusseliana ainda padece de grave desconhecimento ou então uma forte rejeição. A esse respeito, vale considerar a eletropolítica de Murilo Seabra (2021).

A eletropolítica, que talvez seja a maior contribuição brasileira à filosofia da linguagem até o momento, consiste no exame das cargas valorativas que os termos portam. Para um filósofo ou uma filósofa eurocêntricos certas expressões possuem inerentemente cargas positivas enquanto seus opostos ou alternativas possuem carga negativa. Assim é que “filosofia grega antiga”, Kant, idealismo alemão e filósofo europeu têm cargas positivas e são considerados, por isso, robustos, sólidos e expressam universalidade incontestável, enquanto as expressões “filosofia pré-colombiana”, Enrique Dussel ou Álvaro Vieira Pinto, filosofia da libertação e filósofo latino-americano são todos termos que possuem carga negativa. Por conseguinte, os últimos são considerados pouco rigorosos, são nacionalistas, particularistas etc.

Seja-nos lícito citar um estudo publicado por Seabra e colaboradores (2023) acerca de um viés de nacionalidade presente na comunidade filosófica brasileira. Em seu texto os autores citam um relato do filósofo Newton da Costa similar a uma observação feita por Dussel. O expoente da lógica paraconsistente afirma que primeiro ganhou reconhecimento fora do Brasil para depois ser valorizado nacionalmente. Ele, então, refletiu: e se seu nome fosse “Newton Kostovisk”, seria sua recepção diferente aqui no Brasil? Em seguida Seabra e colaboradores testaram empiricamente concluíram que sim, existe tal viés de nacionalidade.

Feita essa digressão, retomemos nosso relato. A tradução da obra dusseliana pode ser feita considerando diferentes linhas de trabalho. Uma possibilidade é dividi-la em áreas, sendo a filosofia nossa área prioritária, em

detrimento da história e da teologia. Ademais, considerando os temas e problemas abordados por Dussel nas traduções já disponíveis e as demandas sociais da realidade brasileira, torna-se necessário envidar esforços para traduzir outras obras, como aquelas relacionadas à erótica latino-americana e à filosofia da tecnologia.

No pensamento dusseliano a erótica compreende o nível de reflexão que trata, desde o aparato teórico e conceitual da filosofia da libertação, das relações de gênero. Lançando mão do referencial psicanalítico de análise da sociedade ele cita outros níveis, como a política (relação irmão-irmão, irmã-irmã etc., aplicada às relações políticas no interior da sociedade), a pedagógica (relação pai-filho etc., aplicada às diversas formas de saber disciplinador, como no caso da relação médico-paciente, professor-aluno etc.) e a erótica, que trata da relação homem-mulher (DUSSEL, 2011). Ao lado das críticas feitas por diferentes autores, como Julio Cabrera, vale a pena examinar as contribuições dusselianas aos debates relacionados às questões de gênero e à libertação de gênero, contribuições que podem ser encontradas, por exemplo, nos livros “Liberación de la mujer y erótica latinoamericana”, de 1977, mas com reedição de 1990; e “Para una erótica latinoamericana”, também de 1977 originalmente, mas com reedição de 2007.

Por outro lado, considerando as diversas formas como a tecnologia tem sido utilizada para a dominação dos povos, tal como examinado por Álvaro Vieira Pinto (2005), por exemplo, os temas da filosofia da tecnologia adquirem grande relevância. Em tempos de algoritmos em redes sociais sendo usados para manipulação, de guerra cibernética, daquilo que Herbert Marcuse (2021) chamou de dessublimação repressiva – que aqui associamos à sua atualização que utiliza novas tecnologias de informação e comunicação para a dominação –, a reflexão filosófica sobre a tecnologia deve indicar caminhos para a libertação e para o bem viver da Humanidade. Por conseguinte, para fundamentar os debates em torno da tecnologia e da libertação-domação, a tradução de “Filosofía de la producción” (1984) é uma de nossas prioridades.

Por fim, vale ressaltar que esse programa amplo de tradução da obra de Enrique Dussel suscitará diferentes outros projetos subsequentes. Indo desde a publicação das traduções via Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR) ou outras, passando por grupos de estudo interinstitucionais, seminários e intervenções em congressos, até a publicação de textos derivados sobre o pensamento dusseliano, vislumbramos diferentes ações de ensino, pesquisa e extensão que serão promovidas. Uma vez que o acesso amplo à sua obra é um dos posicionamentos filosóficos de Dussel, primaremos por uma política editorial correspondente de facilitação do acesso aos textos traduzidos. Além disso, serão feitas parcerias com os diferentes *campi* do IFPR visando a difusão das obras já publicadas, o que pode ser feito através de projetos como feiras do livro e eventos de lançamento.

## TRADUZINDO AS 18 TESES DA ESTÉTICA DA LIBERTAÇÃO, DE ENRIQUE DUSSEL

Depois de um longo e surpreendente périplo filosófico realizado por Dussel, o qual o leva a fundamentar as bases da Filosofia da Libertação, formulada desde a periferia do sistema-mundo-moderno, desde o nosso lugar de fala, desde América Latina, agora está em processo de conclusão sua obra 18 Teses da Estética da Libertação. Uma Estética que, como aconteceu com a Ética, com a Erótica, com a Política etc., surge desde a exterioridade do “Não-Ser”, desde a estética hegemônica dominante: branca, eurocêntrica, moderna, ocidental...

Esta obra inédita, que sem dúvidas será revolucionária para o campo da estética, das artes, da filosófica e do pensamento não apenas latino-americano, mas global, está dividida em três partes. Na primeira, o autor nos anuncia suas “três constelações” como método estrutural de suas teses, partindo do que ele denomina o primeiro momento positivo, a totalidade hegemônica e dominante da estética. É a estética que se estuda e se ensina nas escolas e universidades. A estética totalitária que encobre todas as outras. É a “estética do Ser” e como o próprio Dussel diz: “A interpretação tripartite unilinear e ascendente da história da arte aceita em todos os lugares, e principalmente nos estratos acadêmicos e universitários do Sul global, é da Antiguidade, da Idade Média e da Modernidade” (p.85).

Periodização em que se exclui o resto dos povos e culturas, como a da nossa Abya Yala em que se impõe uma visão da história europeia como se fosse universal, válida para todo o mundo. Por isso, nos diz Dussel: “Vamos tentar mostrar outro esquema de periodização que nos permita situar a história da arte americana antes da conquista” (p.86). Na segunda parte desenvolve por sua vez a “segunda constelação”, quer dizer o momento crítico frente a essa estética imperante. Trata-se, portanto, do momento negativo, o qual questiona e realiza a crítica profunda a essa estética hegemônica por todo o que excluiu, negou e encobriu. A terceira parte, que corresponde também com a “terceira constelação” está dedicada ao segundo momento positivo, só que desta vez se trata de um momento na verdade “propositivo”, no qual é apresentada a “beleza” relacionada com o gosto e a possibilidade de conservação e reprodução da Vida e que aparece com toda sua potência desde essa periferia do centro hegemônico, desde essa exterioridade, desde esse lugar da vítima, do pobre, do faminto, do “povo”, entendido como tem sido formulado por Dussel em outras obras, particularmente na sua Política, o “bloco social dos oprimidos”.

Desta maneira, consideramos que é profundamente necessário que o amplo público brasileiro tenha acesso a esta obra, a estas teses dusselianas. É esse o principal motivo que nos leva realizar a tradução desta obra. Queremos chamar a atenção que se trata de um projeto que está se desenvolvendo em tempo real, no aqui e agora, nessa simultaneidade e urgência que nos exigem

os tempos conturbados, de crise civilizatória que estamos atravessando. Por esta razão, obras como as 18 teses de Estética da Libertação, constituem faróis fundamentais para iluminar os caminhos para a construção desses outros mundos que não são apenas “possíveis”, como anunciaram os zapatistas, desde seu levantamento em 1994, mas “necessários” frente a queda do projeto civilizatório-moderno-ocidental, o qual cada vez comprova de maneira mais clara e contundente que é um projeto de Morte, e não de Vida.

## CONCLUSÃO

Esperamos conseguir, com a realização deste projeto no âmbito do IFPR, ao final do primeiro ano, concretizar a tradução do livro “Filosofía de la producción”. Além disso, estimamos que serão escritos pelo menos um artigo e duas apresentações de trabalho por cada um dos discentes participantes. Também esperamos a promoção de uma visão mais crítica e filosoficamente informada a respeito da tecnologia, pois estão previstos diversos eventos de divulgação científica nas dependências do *Campus*. Ademais, os resultados esperados serão articulados com as outras iniciativas de tradução que aludimos acima, relacionadas à estética e a produção anterior de Dussel.

## REFERÊNCIAS

- DUSSEL, E. **Introducción a una filosofía de la Liberación latinoamericana**. México: Ed. Extemporâneos, 1977.
- DUSSEL E. **Filosofía de la producción**. Bogotá: Editorial Nueva América, 1984.
- DUSSEL, E. **Liberación de la mujer y erótica latinoamericana**. Bogotá: Editorial Nueva América, 4ª ed., 1990.
- DUSSEL, E. **Para una erótica latinoamericana**. Caracas: Fundación Editorial el perro y la rana, 2007.
- DUSSEL, E. **Filosofía de la liberación**. México: FCE, 2011.
- DUSSEL, E. **Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão**. São Paulo: Paulus, 2017.
- MANCE, E. **Filosofia da libertação: histórico: vertentes, críticas e perspectivas**. Passo Fundo: Conhecer, 2022.
- MARCUSE, H. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2021.
- MATOS, H. **Uma introdução à Filosofia da Libertação latino-americana de Enrique Dussel**. Livro eletrônico gerado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação de Daniel Pansarelli. São Paulo, 2008.
- SEABRA, M. **Oftalmopolítica: um problema com a visão da filosofia**. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021.
- SEABRA, M.; PRENDERGAST, L; ANTUES, G & TOLTON, L. **Cognitive colonialism: Nationality bias in Brazilian academic philosophy**. *Metaphilosophy*, v. 54, n.1 pp. 106-118, 2023.
- VIEIRA PINTO, A. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.